

## **LEITURA DE MÚSICA, LEITURA DE MUNDO: UMA EXPERIÊNCIA COM A OBRA DE CHICO CÉSAR**

Nara Limeira Ferreira dos Santos

Se, no campo da teoria literária existe uma divergência recorrente entre o fato de letra de música ser ou não ser considerada poema, na prática da sala de aula, a experiência aponta para uma reflexão diferente.

A ferramenta letra de música já é utilizada como uma importante aliada para o professor interessado em trabalhar com leitura de textos escritos. O bom senso e a escolha acertada podem render excelentes resultados num dos principais itens para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem: a motivação. Afinal, a poesia pode ser encontrada em diferentes lugares, inclusive nas letras de música.

Foi o que aconteceu com a experiência que passo a relatar, resultado da minha atuação, durante o ano de 2007 e parte de 2008, no projeto de Oficina de Leitura, realizado pela Funjope – Fundação de Cultura de João Pessoa em parceria com a ONG Cactos, no bairro de Mandacaru, periferia de João Pessoa. Antes disto, porém, devo registrar que experiências semelhantes foram desenvolvidas em Escolas Públicas estadual e municipal. A prática na educação não-formal parece ser mais fecunda, no sentido de dispor de mais tempo e menos cobrança, ingredientes necessários a instaurar o sentido lúdico da leitura, o prazer do encontro com o texto e o conhecimento.

Quando apresentei o projeto para a Funjope, pensava na Oficina de Leitura como algo que pudesse permitir aos jovens uma vivência com o texto diferenciada da que é feita na sala de aula. Sem tarefa de casa, sem exigências de trocas sem obrigações. Quando os alunos se inscrevem e comparecem à Oficina, eles vêm motivados unicamente pelo encontro com a literatura. Entenda-se literatura de forma ampla, incluindo a literatura oral. Deste modo, a cultura popular também estava presente nesta experiência e, inevitavelmente, a música popular. A leitura prazerosa não prescinde do esforço. Ao contrário, todo prazer o requer e muito. Este esforço pode ser enfrentado de forma lúdica, de modo a atingir o prazer do conhecimento. Este é o foco.

Neste sentido, destaco a leitura de parte da obra do compositor Chico César que ajudou a instaurar o clima inicial de confiança, de brincadeira e, com ela, pudemos trabalhar diferentes aspectos do texto em si, e seus desdobramentos e efeitos na comunidade leitora. Partindo do pressuposto de que ‘não podemos gostar do que não conhecemos’, propus a aventura de escutar e ler, em diferentes vozes e dicções, a canção “Flor de Mandacaru”, do CD ‘Respeitem meus cabelos, brancos’, 2002, cuja letra disponibilizo a seguir:

FLOR DE MANDACARU  
Manda caru, flor de mandacaru pra mim  
Que é pra botar no xaxim  
Em cima da televisão  
Manda caru  
Uma flor dessa do sertão  
Uma flor de cardo  
Pra alegrar meu coração  
Que é pra guardar de recordação  
Dos tempos da meninice  
Pois que recordar carece  
Como uma prece sem fim  
Manda caru  
Flor de mandacaru pra mim.

O fato da oficina de leitura estar inserida no bairro de Mandacaru causou uma imediata identificação em busca dos pontos de convergência entre o lugar onde vivem aqueles jovens (bairro de

Mandacaru) e a flor de mandacaru que o compositor trazia no poema-canção. A canção em ritmo de xote favoreceu sua rápida assimilação.

Esta parece ter sido uma das escolhas mais acertadas, pois resultou na aceitação imediata e ajudou a abrir o canal necessário de confiança para escutar com atenção a outras canções e textos que foram trazidos para a Oficina de leitura. Além disso, como alguns participantes já conheciam o compositor através de 'Mama África', pudemos também, em outra oportunidade, ouvir e discutir sobre a questão da negritude em 'Mama África'. Antes, porém, cabe um relato sobre a metodologia e os desdobramentos da leitura de 'Flor de mandacaru'.

Após a leitura e audição primeiras, fizemos um passeio pelas questões de vocabulário e, finalmente, apresentação do autor e sua importância no contexto da MPB. Falar do compositor popular Chico César é tocar inevitavelmente na sua origem paraibana, nordestina e na sua projeção na MPB nacional. Redutor é, entretanto, considerá-lo apenas como compositor (e dos bons, talvez o principal nome da canção popular brasileira surgido no final do século XX). Suas letras são poemas, em ritmo, sonoridade, temática, estilo, enfim. Lançou seu primeiro disco, o CD 'Aos vivos' em 1995 e, daquele ano até hoje, produziu mais seis discos e participou de várias coletâneas, inclusive fora do Brasil. Chico César assume a negritude como um dos principais eixos temáticos da sua obra. Alguns exemplos são, além da insuperável 'Mama África', "Dança", "Tambores", "Mand'ela", "Filá" e "Nego forro", só para citar algumas. Outros grupos tratados socialmente como minorias aparecem em Chico César e poderiam suscitar estudos sob o viés social. Exemplos disso são a mulher, o índio e, muito recentemente, o homossexual. Curioso é perceber que, mesmo nos seus discos mais dançantes, Chico César não abre mão da crítica social, da denúncia, do posicionamento frente às injustiças. Tudo isso sem cair na forma panfletária, aguçando cada vez mais o seu estilo lírico e perseguindo a excelência no resultado final de sua obra. Outro tema importante, objeto de observação do compositor, é a posição do artista comprometido com questões sociais. O amor é outro elemento importante presente na poesia de Chico César. As escolhas temáticas de Chico César e a inegável qualidade estética de sua música justificam a razão para a escolha de sua obra como ferramenta didático-pedagógica.

Partindo para a discussão do texto e as impressões individuais de apreensão da leitura, destaco a rápida aceitação pelo nome do bairro na canção, mesmo que textualmente não faça alusão ao bairro de periferia de João Pessoa, mas, o que pode ser constatado foi que o bairro teria sido nomeado a partir da planta 'mandacaru', um tipo de cacto muito resistente que, tem na sua estrutura o fato de ser forte, ter muitos espinhos e dar flores belíssimas. Um traço biológico que dá mais poeticidade à imagem do mandacaru.

Da leitura, merecem destaque os versos que falam sobre a "recordação dos tempos da meninice", chamando a atenção dos leitores sobre a importância das experiências afetivas na construção da história de vida, memória e reafirmação da cultura. No poema, o autor utiliza a flor de mandacaru como símbolo do sertão, numa possível alusão ao seu lugar de nascimento, Catolé do Rocha, sertão da Paraíba ou, ainda, do cacto como símbolo da vegetação do Nordeste. Na oficina de leitura, o mesmo efeito (de recordação) foi alcançado de forma transfigurada: a 'flor de Mandacaru' é o próprio lugar onde vivem os alunos, o bairro de Mandacaru bem como a "recordação" invocada por Chico César, eram tomadas como referências à importância de guardar e lembrar da própria experiência do grupo na oficina de leitura, reconhecendo-a como marco na vida de cada um dos participantes.

Da audição da canção resultou a cantoria em grupo com acompanhamento de percussão (zabumba, triângulo e ganzás). Durante o período da oficina de leitura, o desenvolvimento do trabalho através de leituras, jogos dramáticos e música popular proporcionou a participação dos alunos da oficina em vários saraus e rodas de leitura na cidade. Para todos os eventos, o grupo decidia por iniciar cantando esta canção adotando-a como uma espécie de "carta de apresentação", numa demonstração inquestionável de elevação de auto-estima, orgulho do lugar e afirmação de cidadania.

Numa das rodas de leitura, o compositor Chico César esteve presente, em pessoa, e comentou: "fico feliz que vocês tenham se apropriado da canção para a oficina de leitura (...) sugiro que adotem o nome para o grupo desta oficina inspirado nos versos da canção. Que tal 'Mandacaru pra mim'?"

A visita de Chico César foi motivo de encantamento e deixou marcas nos participantes que passaram a confeccionar cartazes com o nome do grupo (sugerido por Chico César) para levar aos lugares onde participariam das rodas de leitura. Durante a visita, fizeram fotografias com o compositor (individuais e em grupos) promovendo a possibilidade de um novo olhar sobre os ídolos,

os cantores e compositores que tanto são admirados à distância e cujas personalidades são construídas pela mídia. No caso de Chico César, podemos afirmar que o motivo da admiração, antes mesmo de conhecê-lo pessoalmente, se deu pela admiração da sua obra. É significativo ressaltar a importância deste encontro, porque Chico César, até aquele momento, não estava incluído no repertório daqueles alunos.

Outro relato significativo foi narrado pelos participantes da oficina: Num evento de rua, numa das praças do bairro, tocou esta canção de Chico César. Os participantes da oficina de leitura que estavam dispersos pelo local, foram se juntar perto da caixa de som para ouvir e cantar junto. Levaram este relato para a nossa aula, reafirmando a alegria daquele encontro da turma na praça e o encantamento de serem tão íntimos daquela canção que explodia das imensas caixas de som. Mais uma vez, a oficina de leitura repercutiu de forma positiva para além do momento da sala de aula.

Depois desta, outras experiências se seguiram. Em dado momento, durante a realização da oficina de leitura, o país inteiro se mobilizava em torno do Dia Nacional da Consciência Negra (em novembro) e, para pensar sobre esta questão, chegou a vez de trazer “Mama África”, cuja experiência de leitura, audição e discussão, me motivaram a escrever o artigo que submeti à Revista Graphos – da Pós-Graduação em Letras da UFPB, e que deve sair no primeiro semestre de 2009 intitulado “História, paixão e poesia na obra de Chico César”. Neste artigo trago uma reflexão sobre o resultado desta experiência de sala de aula e outras leituras.

Nos processos de prática docente, leituras, audição de MPB e principalmente, aprendizado cotidiano, a riqueza poética encontrada na obra deste autor tem me impressionado sobremaneira. Na oficina de leitura promovi algumas discussões sobre o texto de ‘Mama África’ que resultaram em algumas observações que julgo relevantes. Antes, porém, vejamos a sua letra completa:

#### MAMA ÁFRICA

Mama África (a minha mãe) é mãe solteira  
E tem que fazer mamadeira todo dia  
Além de trabalhar  
Como empacotadeira nas Casas Bahia.

Mama África tem tanto o que fazer  
Além de cuidar neném  
Além de fazer denguin’

Filhinho tem que entender  
Mama África vai e vem, mas não se afasta de você

Quando Mama sai de casa, seus filhos se olodunzam  
Rola o maior jazz  
Mama tem calo nos pés, Mama precisa de paz.

Mama não quer brincar mais  
Filhinho dá um tempo  
É tanto contratempo  
No ritmo de vida de Mama.

Este é outro exemplo de escolha acertada. A idéia era trabalhar o tema da consciência negra através das indicações poéticas trazidas pela letra da canção. A aceitação foi relativamente fácil, uma vez que a maioria já conhecia a canção ou pelo menos parte dela.

A canção “Mama África” apareceu pela primeira vez em 1995, quando o público conheceu e consagrou o CD *Aos vivos*, de Chico César. A sua letra reaparece em “O negro em versos – Uma antologia da poesia negra brasileira”, organizada por Luiz Carlos dos Santos e outros e publicada pela Editora Salamandra, com primeira edição em 2005. O livro se propõe a um apanhado da poesia feita por e sobre os negros, tentando preencher uma lacuna no campo literário, da participação do negro,

tanto como escritor, quanto como temática. Os autores vão de Machado de Assis, Gonçalves Dias e Castro Alves a Leandro Gomes de Barros, Elisa Lucinda, Paulinho da Viola e Pixinguinha. A antologia é organizada em capítulos que catalogam a poesia erudita, popular e letras de música. Ao lado desses nomes citados está Chico César. E isto não acontece por acaso, afinal não seria qualquer letra de música que estaria figurando nesta seleta lista. Chico César representa um dos principais articuladores desta poética voltada para a temática do negro no final do século XX a contemplar o casamento perfeito entre música e poesia.

Reler ‘Mama África’ no Chico César do livro é apurar os olhos para além do ritmo do *reagge* da canção, que por sua vez, já diz muito sobre a temática do negro. Podemos afirmar que “Mama África”, constitui-se de uma pequena narrativa composta de quadros isolados, porém, interdependentes. Nela o autor apresenta de forma concisa a sua “personagem” Mama África e fala sobre o cotidiano dos seus “filhos”. No primeiro quadro, esta breve narrativa acontece em 1ª pessoa, pois é pela fala do suposto “filho” que ela aparece. Afinal, quem são o “eu lírico” e as personagens Mama África?

Neste primeiro quadro, o eu-lírico é o filho de uma mãe negra, no sentido literal. Mama África é o nome dado para designar essa mãe: “Mama África, a minha mãe, é mãe solteira...” . Porém, o autor dribla o leitor/ouvinte quando, no segundo quadro, coloca o eu-lírico em 3ª pessoa, afastando-o da cena: “quando Mama sai de casa / seus filhos se oldunzam rola o maior jazz...”. É preciso, para início de conversa, buscar a clareza do caráter semântico deste eu-lírico escorregadio e que aparece ora perto, ora distante do miolo da narrativa. Os sentidos dramático e a narrativo são, evidentemente, ampliados por isso (senão, no mínimo, afetados). Suas cenas ou quadros são fortemente definidos e geram imagens cinematográficas para que o leitor/ouvinte possa ter uma idéia dos diferentes campos semânticos construídos pelo autor.

O jogo de criação dos campos semânticos começa desde a escolha do título, “Mama África” que na verdade é uma brincadeira poética e um drible no leitor com o deslocamento, por exemplo, de quando a mãe é África e quando a África é mãe.

O fato de denominar o nome da personagem de Mama África, adjetivando a ‘mãe’ a partir do continente é um dado lingüístico importante. O autor articula um jogo poético intencional que traz para a personagem mãe toda a história de um continente que “distribuiu” seus habitantes pela América. Ele conta essa história pelo lado da cultura, da alegria e da música dos negros, sem esquecer a questão da exploração pelo trabalho escravo.

O potencial semântico do texto de “Mama África” pode ser sentido pelo leitor/ouvinte ao se estabelecer o entrecruzamento dos diferentes “quadros” (ou cenas, ou ainda, isotopias), que abrem novas possibilidades de leitura, confirmando o caráter literário do texto. Estas interpretações, evidentemente, não esgotam as leituras do texto em questão, ao contrário, elas podem dar pistas de outras possibilidades para a sua compreensão mais ampla.

Neste contexto, tivemos a oportunidade de discutir alguns problemas sociais históricos enfrentados pelas comunidades negras no Brasil. Os alunos revelaram bastante interesse e sensibilidade para tratar dos problemas sociais, apesar de certa imaturidade. Com isso, se dispuseram a ler, compreender, enfrentar vocabulário e finalmente, apresentar a leitura em voz alta do poema ‘Navio negreiro’, de Castro Alves, com a canção ‘Savanas’ de Escurinho. Avalio a experiência como muito positiva, uma vez que a canção abriu caminhos para um poema mais complexo, como, no caso, ‘Navio negreiro’. Além de ser um poema belíssimo, é um texto que diz muito sobre a história do Brasil e é de um autor que, muitas vezes é indicado para o ensino médio e vestibular.

O trabalho com MPB na sala de aula mostra-se, cada vez mais, eficaz. A aceitação, geralmente, é boa e a música ajuda a poesia a instaurar uma atmosfera lúdica, alegre e prazerosa. A música, especialmente a MPB, mobiliza gratuitamente porque está no cotidiano das pessoas. Seu ritmo, melodia e poesia levam o aluno a uma rápida identificação, ajudando o professor a alcançar a tão sonhada motivação.

Nesta experiência de oficina de leitura, ainda trabalhamos “Paraíba, meu amor”, de Chico César, além de outros autores paraibanos como Eleonora Falcone, Escurinho e Fuba, aproveitando a oportunidade para mostrar e encantar os alunos com a música e poesia produzidas na Paraíba.

Portanto, impõe-se a relevância de discutir o casamento perfeito entre música e poesia, em detrimento da possível divergência entre o que é letra de música e não é poema. O compositor Chico César surgiu no final do Século XX como um dos principais representantes da MPB em projeção

nacional, com especial influência para os leitores paraibanos, uma vez que sua origem é a cidade de Catolé do Rocha, na Paraíba e, mais que isso, suas experiências culturais têm muito a comunicar e a informar sobre e para nós mesmos, motivando a compreensão e elaboração de conceitos como identidade, negritude, e sobre a própria poesia em língua portuguesa. A leitura de Chico César imprime um novo olhar dos alunos sobre sua obra e suas possibilidades de assimilação. Portanto, a leitura da música de Chico junta-se a outros recursos didáticos para ajudar ao professor no esforço múltiplo de aprimorar e ampliar a leitura de mundo dos alunos.

## REFERÊNCIAS

- BRITO, João Batista B. **Leituras poéticas**. São Paulo: Fundação Memorial América Latina.
- CÉSAR, Chico. CD **Aos vivos**, São Paulo: Velas, 1999;
- \_\_\_\_\_. CD **Respeitem meus cabelos, brancos**, São Paulo: Abril Music, 2002;
- DAGHLIAN, Carlos. **Música e poesia** (Org.). São Paulo: Perspectiva. Col. Debates, vol. 195, 1985.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. 2 ed. João Pessoa: Idéia, 2002.
- RIBEIRO NETO, Amador. **Chico César**. João Pessoa: Jornal A União, 8 de maio de 2007, Caderno 2.
- SANTOS, Luis Carlos et alli. (org). **O negro em versos**. São Paulo: Salamandra, 2005.